

# O PHONOGRAPHO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Proprietario e redactor principal, o bacharel Luiz Augusto de Oliveira

ESCRITORIO, RUA DOS INVALIDOS N. 32

VOL. I.

RIO DE JANEIRO, 13 DE OUTUBRO DE 1878

N. 2

## O PHONOGRAPHO

Fieis ao nosso programma, succinctamente esboçado no primeiro numero da folha que creamos, demos aos leitores artigos, que, parecemos, a caracterisam.

Cumpre-nos, porém, continuar na senda que devemos trilhar, de acordo com as ideias recebidas do grande genio que tomamos por inspirador nesta ardua e talvez improficia tarefa.

Não intimida-nos a indifferença, mas respeitamos a censura, por isso que temos o dever de nunca afastarmo-nos das theorias do mestre.

Si pomposa não foi a recepção feita pela imprensa jornalistica, não podemos deixar de agradecer-lhe as expressões de delicada animação com a qual nos brindou. E certo, repetimos, lenta, mas sensivel evolução litteraria e scientifica manifesta-se no paiz.

Cantar victoria antes de tempo é o que os soldados da imprensa precisam, como os cabos de guerra, evitar: os louros, que lhes engrinaldam as frontes apoz longas fadigas, crudas luctas e arrojados commettimentos, são tardios.

Para que dissimular? No dédalo que as paixões, que os instictos egoisticos, por miseranda desidia dos governos das nações, ainda hoje entorpecem a marcha da humanidade; — se não emmaranha-se, até perder-se quasi sempre, o explorador da verdade — chega ao termo de seu escabroso caminho ferido ou exanime.

E', porém, mister trabalhar para os vindouros, como os nossos antepassados por nós trabalharam: — os vivos só devem o que possuem aos mortos, disse Augusto Comte.



Caminhos de ferro no Brazil, a propósito de um decreto recente.

*(Continuação do numero 1)*

O artigo setimo do recente decreto estabelece que as tarifas de transporte pelas estradas de ferro de juros garantidos nunca excedam em suas taxas ás de condução pelos meios ordinarios.

Eis outra disposição com a qual não concordamos.

Si casos ha em que o frete é baratissimo, differindo muito dos de caminhos de ferro, como na navegação marítima e na fluvial, outros tambem existem em que é elle de preço elevadissimo e mesmo descommunal.

Muitos lavradores da província do Rio de Janeiro pagam pelo transporte em carroças de 15 kilogrammas á distancia de 18 kilometros 360 rs., ou 120 rs., por legua.

A adopção d'este preço em vias ferreas serviria de obstáculo, opposto ao desenvolvimento industrial e não de incentivo de progresso.

O transporte por tropas, bem familiar aos nossos agricultores, é igualmente de taxa elevada. Fica, mais ou menos, em 80 rs.; e, para avaliar-o, basta reflectir-se que os animaes representam certo capital; que, além d'isso, exigem forragens, arreios, etc.; que um lote de sete animaes é dirigido por um tropeiro, que, quando não vence salario é um escravo e, portanto, capital, que, a seu turno, requer do proprietario alimentação, vestuário, tratamento e muitas outras despezas.

Não é pois exagerada a importancia de 80 rs., para este transporte e, entretanto, em uma estrada de ferro tal frete de 15 kilos por 6 kilometros seria tambem exorbitante.

A lei, pois, não julgamol-a regular ainda n'esta parte.

O capítulo oitavo regularisa os pagamentos dos transportes de funcionários publicos, de colonos, de cargas do Estado e de malas do correio.

Do telegrapho é o nono capítulo.

As despesas de custeio são definidas no decimo.

Pelo undecimo são as companhias obrigadas: a exhibirem os documentos comprobatorios das despezas que fizerem; a aceitarem como definitivas as deliberações e decisões do governo; e finalmente a submeterem á sua approvação o quadro de empregados.

Da fiscalisação por parte do governo é o duodecimo capítulo, que não contém materia nova.

O decimo terceiro faculta ao governo o direito de resgatar as estradas concedidas, desde que sejam decorridos trinta annos da data de sua conclusão.

A importancia, a que fica obrigado, quando isso se dê, será paga em numero tal de apolices da dívida publica, quanto sufficiente para pro-

duzir a renda liquida do quinquenio antecedente á época da encampação, caso seja feita dentro do segundo periodo de trinta annos; e caso seja no terceiro periodo, a avaliação será calculada pela media do triennio precedente ao anno em que se fizer o resgate.

Esta condição prevalece ainda depois de expirar o privilegio.

Permitam-nos entretanto, que façamos uma observação: que necessidade tem o governo de comprometter-se a entregar titulos de renda, quando muitas vezes convenha-lhe mais pagar em moeda, emitindo para isso papel?

Da mesma forma, não nos é possivel atinhar com os motivos da divisão do periodo de privilegio em fracções de trinta annos, e nem sabemos porque, no segundo d'esses periodos, se contará a renda media de cinco annos e no terceiro a de trez.

Sendo de esperar que a renda de uma estrada cresça annualmente, tanto no primeiro como no segundo prazo, com um certo coefficiente de progressão, não achamos de prompto o motivo, que teve o governo, para determinar semelhantes prescripções que nos parecem filhas da imaginação.

O capitulo decimo quarto faz o Estado coparticipante da metade dos lucros que excedam a 8 %., e determina a redução de tarifas, desde que os dividendos ultrapassem 12 %.

Não estão de harmonia com as nossas idéas estas divisões de lucros.

Custa-nos a comprehender, e não louvamos, certas sociedades em conta de participação entre o Estado e as empresas cujo desenvolvimento protege.

Ou torne-se accionista, ou simples credor.

Não seria mais regular, desde que houvesse dividendo superior a 8 %, que o excesso fosse applicado á amortisação dos juros pagos?

Evitar-se-hiam d'esta maneira todas as questões, nem sempre airoosas e dignas, de uma divisão de lucros que no fim de contas vantagem nenhuma trazem ao Estado.

Os casos de desacordo e de arbitramento são regulados no decimo quinto capitulo.

O decimo sexto proíbe a alienação das estradas, sem que preceda-lhe authorização do governo.

O decimo setimo estabelece que o cambio será de 27 d. para o pagamento de juros, quando a empresa tenha capitais estrangeiros. Pelo decimo oitavo multa o governo as companhias que desresarem as condições do decreto, desobedecendo aos regulamentos expedidos, em quantias que variam desde 200\$000 até 5:000\$000; e no dobro pela reincidencia.

Pequena ampliação traz o decreto de 10 de agosto á lei n. 2459 de 24 de setembro de 1873. Não patenteiam as ideias n'elle consignadas profundo e cabal conhecimento das variadas questões sobre caminhos de ferro, ás quaes deve attender o legislador.

Si n'elle ha pensamentos de applicação prática, outros, pouco desenvolvidos, o tornam deficiente, e permitta-nos o illustre e honrado Sr. ministro de obras publicas que lhe digamos; — incapaz mesmo de provêr

ás necessidades palpitantes da nossa industria de transportes por estradas de ferro.

Tudo esperamos, porém, do abalisado Sr. ministro. Patriota sincero e ardente, possuidor de conhecimentos theorecos e praticos da administração publica e, mais do que tudo, fervoroso adepto do progresso não demorará muito S. Ex. em reorganisar a legislação, de que não podem prescindir as nossas estradas de ferro.

Poucas pessoas dedicam-se no Brazil a estudos administrativos e economicos sobre viação ferrea.

Em quasi totalidade, a distincta classe, de que somos o mais insímo dos representantes, vota-se com o mais decidido afínco aos estudos technicos relativos á exploração e construcção.

O trafego não lhe merece o valor que tributa a outras materias e, no entanto, o trafego é o ponto mais melindroso de um caminho de ferro. Em nossos estudos nunca descuramos do trafego.

Como incorporador de emprezas, foi sempre a questão do trafego o marco de partida; e somente depois de conhecermos-o, faziamos os reconhecimentos e explorações, sem os quaes não ha traçado.

Assim fundavamos as bases do projecto.

Sem inculcarmo-nos especialista, temos comtudo serie ininterrompida de observações sobre este ramo da engenharia.

Delle tractaremos no proximo numero e, em occasião azada, analysemos a legislação que vigora, propondo as medidas que suppomos admissiveis e momentosas.

O projecto, a que nos referimos na pagina 4<sup>a</sup> do primeiro numero desta folha, será então consignado em lugar competente.

Os artigos, cuja publicação vamos encetar, constituirão um *Estudo geral sobre os systemas de transpōte*; e assim offereceremos a consideração dos que dedicam-se a tanto espinhosa quão transcedente materia o trabalho administrativo e economico que, ha muito, tencionamos apresentar-lhes.

Entretanto, sempre contando com o zelo e accurada attenção, cujas provas deo já o illustre Sr. ministro, occupando-se d'este assumpto, estamos certo de que na proxima sessão legislativa se tractará, com o maximo cuidado de tão importante, senão o primeiro, melhoramento de nossa industria.

## Denominações de algumas localidades em língua tupi

(Continuando do n. 4.)

ARAMARI,—tempo de colher a fructa da *geoffracia* :—povoação da Bahia ; *ara*—tempo, *mari*—arvore fructifera do *umari*, como ácima.

ARAMUCU,—tempo de pescar o muci: rio do Pará ; *ara*—tempo, *mucu*—peixe desse nome.

ARANAPUCU,,—corrupção de ARAUANA—PUCU, peixe grande? — Rio do Pará.

ARAPEHY,—corrupção de ARABE-HY—rio das baratas, ou talvez, agoa do caminho das araras : no Rio Grande do Sul ; no primeiro caso, *arabé*,—barata, *hy*—agoa ; no segundo, *arara*—ave desse nome, *pe*—caminho, *hy*—agoa.

ARARAQUARA,—ARAQUARA ou ainda, ARARACOARA,—buraco, isto é lugar das araras : serras de S. Paulo e do Alto-Amazonas ; *coará*—buraco, lugar ; *arara*—ave desse nome.

ARARACANGA,—cabeça de arara : cachoeira do rio Tieté em S. Paulo ; *canga*—cabeça.

ARARAHY,—água das araras: ilha do Pará ; assim também ; ARARI, rio da mesma província.

ARARANGUÁ,—arara multicolor? — Rio de Santa Catharina.

ARARAPIRA,—peixe arara, o *Phractocephalus hemimelopterus* de Agassiz : freguezia e rio de S. Paulo : *pira*—peixe.

ARARIPE,—habitação de araras: serra das Alagoas ; *pype* — habitação.

ARARITAGUABA,—lugar onde as araras comem pedras : montanha de S. Paulo ; *arara*,—ave, *ita*—pedra, *guaba*—comem.

ARARUAMA,—ou antes IRIRUAMA, espremo mel : lagôa da província do Rio de Janeiro,—de *ami* espremer, *ira*—mel.

ARASSUAHY,—o mesmo que ARAÇUAHY.

ARATICU ou ARATICUM, da arvore desse nome : rio do Pará.

ARAUARI, ou ARAVARHY, rio de sardinhas : na província do Pará.

ARAUATÓ,—rio do Alto Amazonas, do macaco do mesmo nome.

ARIRIHY,—água da palmeira *ariri* : ribeiro de Santa Catharina.

ARASSARIGUANA, em vez de ARASSARIGUABA,—comer o passaro *arasari* : freguezia de S. Paulo ; *guaba*—comer, *arassari*.

ARAPARANA,—rio grande dos sapos ; no Alto Amazonas : *aru*—sapo *parana*—rio caudoloso.

AVANHANDAVA, caminho de muitos homens, da expressão *aba*—*nia*—*aba*? Melhor,—homem espectro : salto do rio Tieté em S. Paulo ; *avanha* por *anhanga*—espectro, *ava*, por *aba*—homem.

AY, AYY, AHY ou ainda AUYGH,—denominação do animal *Preguiça* : ribeiro de Pernambuco.

AYBU, — agoa ruim : — furo ou canal de rio no Alto Amazonas; de *aiba* — mão e *hy* — agoa.

BAEPENDY, — pertence a ti? — Cidade de Minas Geraes; *Mbaé* — cousa, *pe* — interrogativo, *nde* — tua.

BAEPINA, BIAPINO ou BIAPINA, — cousa sem prestimo : povoação do Ceará; *mbae* — cousa, *pino* — ar expellido do ventre.

BAGÉ, — corrupção de *Page* — feiticeiro ou prestidigitator: cidade do Rio Grande do Sul.

BAMBUHY, — agoa de ranho; rio de Minas Geraes; *ambu*, *u* — *ambu* — ranho.

BANABUHU, — corrupção do PANAMBY — *hy* — agoa das borboletas: ribeiro no Ceará; *panáma* — borboleta, *hy* — agoa.

BANGU, — no Rio de Janeiro, (provincia,) — dos Indios d'este nome; e do mesmo modo :

BANGUÈ, — cachoeira do rio Pardo em Mato-Grosso.

BARAHU, — rio na mesma provinça.

BATOVÍ, — folha de *paty*, palmeira d'este nome: no Rio Grande do Sul; *oba* — folha, *paty*, como acima.

BATUQUE, — ilha do rio Madeira, — notavel corrupção de ITAKY, isto é, *ita* — pedra, *ky* — de afiar.

BATURITÉ, — na verdade; é aço: serra e cidade do Ceará; *ipo* — por ventura, na verdade, *ita* — *reté*, aço.

BETIM, — em Minas Geraes, — corrupção de — *petum* — tabaco.

BEIJUHY, — agoa do pão: cachoeira do rio Tieté em S. Paulo; *beiju*, *beixu* ou *bexu* — pão; *hy* — agua.

BIBERIBE, — lugar onde cresce a canna: rio de Pernambuco; *viba* — canna, *pype* ou *pype* — em, aonde. Corrupção.

BOASSU, — cobra grande: rio da provinça do Rio de Janeiro; *boya* — cobra, *assu* — grande.

BOIQUISABA, — rede de cobras: na provinça da Bahia; *boya* — cobra, *kicaba* — rede.

BOYPEBA, — cobra chata: aldeia da Bahia; *peba* — chata.

BOJURU, — bocca de cobra: povoação no Rio Grande do Sul; *bnya* — cobra, *juru* — bocca.

BONGÁ, — em vez de PUNGÁ, — enchaço, tumor; rio da Provinça do Rio de Janeiro.

BORBOREMA, — por corrupção, — deserto, lugar desabitado: serra da Bahia e de Pernambuco; *poro* — gente, *cyma* — sem.

BURITI, — MURITI ou MIRITI, nutrição de fructas: *moro* — nutrir, *ti* — fructa: — palmeira.

BURITAMA, — corrupção de BURITI TABA: aldeia da palmeira *buriti*, na provinça do Ceará.

BOSARAHY, — corrupção, — lugar onde se apanham araras; rio da provinça do Rio de Janeiro; — *pocatú* — apanhar, *ara* — arara, *hy* agua.

BUJURU, — por Mojuu — acariciar, animar : aldeia do Pará.

BURANHEM, — arvore doce : rio da Bahia : corrupção das palavras reunidas ; — *ymyra, moira* — arvore, *eem* — doce.

BUTUCARAIIY, — rio onde se festeja o dia santo ou domingo, na província do Rio-Grande do Sul : *motuú — ara* — dia santo, *hy* — agoa.

(Continúa.)

## O Commercio e a Industria através dos séculos

Assim como o astronomo é o economista. Encarando aquelle a abobada celeste, a principio tacteava, como a creança na mais tenra infancia ; admirava as estrelas e os planetas ; nada de positivo conhecia ; e, nem por isso, deixou de ir pouco a pouco fazendo descobertas que elevaram a astronomia ao grao de perfeição, em que hoje está.

As leis da gravitação universal desvendaram ao homem misterios até então envoltos em profundas e densas trevas.

A economia política passou proximamente pelos mesmos estados da transformação.

A principio indeciso, timido, mirava o homem com espanto a sociedade, sob a impressão de phenomenos, cuja origem, influencia e encantamento não podia explicar ; a producção era um facto ; a troca realidade : as leis, porém que as regem, essas eram enigmas.

Não desanimara contudo, e breve tardou desfraldarem-se tambem os véos de completa obscuridade que encobriam as leis da producção, fonte magestosa das riquezas.

Fundara-se a economia política e para seu desenvolvimento muito se continúa a fazer.

A industria, consequencia da producção, não teria, portanto, ganhado a importancia que a distingue, se não existira a economia política que, por si só, veio des cortinar novos e ignotos horisontes á Humanidade, com grandiosa sentença :

« *O trabalho é riqueza e a sociedade o commercio.* »

Já não mais conspurcam-se os direitos dos que se votam á industria ; — d'elles dependem as nações ; — sem elles não haveria magnatas e poderosos ; emfim todos os que, supondo darem esmolas aos manufactureiros e aos comerciantes, recebem-na d'esses mesmos, que tantas vezes rebaixam e aviltam.

Do trabalho é fructo a vida das nações ; e a historia revela-nos que,

com o seu enfraquecimento, vieram sempre irremediavel desastre e ruina aos paizes obedientes ás furias guerreiras dos autocratas que os governaram.

Eis o que nos demonstrará succinto retrospecto sobre a historia do commercio e da industria.

• •

Com as necessidades do homem appareceu a troca, ou escambo, a principio mal definida, irregular, incompleta, mas *pari passu* melhorada em suas leis, até que a moeda a viesse facilitar.

Creara-se o commercio, cujos primeiros esforços perderam-se, como muitos factos que a historia não conseguiu legar-nos.

Os que chegam até nós indicam certo grão de civilisação, de aspirações mais altas, de ideias adiantadas, traduzidas em realidade com o apoio da navegação, d'essa arte tão antiga quanto poderosa nas relações sociaes dos povos ; que, uns tornaram-se grandes, gloriosos, prosperos e ricos ; outros violentados, abatidos, humildes, servis, covardes, porque d'ella não curaram e tiveram assim de desabar. Os egipcios e os phenicios foram os primeiros comerciantes na ordem chronologica da historia da Humanidade ; aquelles, dotados de territorio fertilissimo, cederam, entretanto, a vanguarda a estes, os phenicios, que levaram a industria commercial ao mais subido ponto.

Só mais tarde, com a criação de Alexandria, ocupou o Egypto notável posição, perdida em 1497 com a passagem do cabo das Tormentas, ou da Boa Esperança. Conduzindo os egipcios ás Indias estofos, ferro, chumbo, cobre e prata, d'ellas recebiam perolas, sedas, especiarias, marfim, ebano, incenso, artigo este tão procurado para o palacio dos passados reis, como para os templos, onde ainda hoje é o perfume que os odorisa.

Attestam sua importancia e inquestionavel grandeza commercial a magnificencia dos monumentos e os vestigios dos canaes, um delles juntando o Nilo a Berenice no mar Vermelho e pondo assim em comunicação com o oriente o Mediterraneo.

Os phenicios, porém, exederam-lhes : perseverantes, cheios de bondade e de tolerancia, da qual não se pôde prescindir no commercio; vivendo em territorio ingrato, não cingiram-se á navegação de cabotagem, como os egipcios ; mas foram buscar ao mundo os meios de subsistencia, dando em troca aos habitantes de longinhas regiões as madeiras do Libano e suas obras de ouro, de prata, e de ferro, até que a republica phenicia teve de ver aniquilar-se sua opulencia pelos golpes vilrados por Alexandre o Grande, incendiario e reconstrutor de Tyro.

Succumbiram os phenicios por terem prestado auxilio a Dario, rei dos persas.—A derrota, porém, abria, como veremos, o Euphrates e o Indo ao commercio grego.

A rival de Tyro foi Carthago, dominando a costa africana ; tendo

para theatro de suas emprezas e façanhas o mundo e por trincheira e apoio o deserto.

O trigo, as madeiras, os afamados couros (marroquins,) foram transportados por Hannon talvez ás proximidades do cabo das Tormentas e por Hilmilcon á Inglaterra.

Assim como Tyro, Carthago, essa capital de centenas de cidades, formando todas um povo ambicioso de conquistas e de glorias, não obstante o genio de Annibal e a riqueza das minas da Hispania, cahio.

Marselha liga-se a seus ultimos momentos pelas relações da pesca, e da industria que a distingua.

A Grecia, maritima pelas condições geographicas de seu territorio, pela posição de suas colonias e ilhas, commerciou com a Asia ; e com a sua Corynthon, qual outra Palmyra, rainha do oceano, como a homonyma o era do deserto, cresceo de importancia com as conquistas de Alexandre; e, derrotando Xerxes, foi soberana do mar. Os phenomenos de fluxo e refluxo ou marés, descobertos por Nearco, vieram ainda alargar seus conhecimentos sobre marinha, mais consideravel do que a dos romanos ; que, a confiando aos libertos, commandados por decemviro, ou capitães do mar, bateram os inimigos e, pacificados, trouxeram da Africa o ouro, o trigo, os animaes ferozes para seus circos : da Hespanha o ferro, a lã, os fructos : da Syria os viuhos, a purpura ; da Arabia o incenso, a myrra, os perfumes ; retribuindo-lhes com suas LEIS, mercadorias de nova especie.

Amigos do luxo, sensualistas por instincto e por educação, caro pagaram tudo o que lhes dava conforto : a sua flora e a sua agricultura prosperaram ; construiram luxuosas estradas de primeira ordem e por isso progrediram em suas relações commerciaes.

Era o periodo de paz.

A invasão dos barbaros que legislavam, praticando e apregoando o saque em terra e a pirataria no mar, abateo o orgulho dos romanos dando-lhes, não a mesma sorte de que fôra victimâ Carthago, mas o seu desmembramento

Immenso cataclysma turvara o sol dos memoraveis feitos romanos ; assim como outros, não menos assombrosos, transformaram em olvidadas lendas os fastos idos da Grecia.

Só Constantinopla resistira as ameças e ao embate dos barbaros ; —abi floresceram as artes, as sciencias e, o commercio, decahindo depois, quando Alexandria invadida pelos arabes, forçada, escolhera outros caminhos para importar as producções das Indias. O torrido clima das regiões que os mahometanos occupavam era defesa natural e temivel.

Conhecedores das mathematicas, da philosophia, da physica, da medicina dos tempos de então, esboçados os principios da chimica e da astronomia, n'essas escholas instruiram-se os reformistas.

Os mosselemanos estenderam-se por quasi todo o sul da Europa, e conquistariam-n'a, se Carlos Martello não oppuzesse tenaz resistencia,

que Constantinopla não pôde imitar, e, vencida, teve de render-se a Mahomet II.

Fugiu para o oriente o commercio, refreado em suas aspirações pelos barbaros do norte.

Nasceram, então, Veneza, a perola do Adriatico, e Genova por elles, os barbaros, saqueada; e restaurada por Carlos Magno. Piza, Lucca e Florença representavam a Italia commercial, essa Italia cujo povo foi o unico que conservou vestigios de unidade.

Ião os italianos pedir a Alepo, Tripoli, Damasco e á Syria os productos das Indias. Mudara-se a physionomia da Europa com a revolução, de costumes e de commercio, que a influencia do Imperio de Carlos Magno produsira.

Posteriormente, o Capitolio não era mais dos imperadores romanos; haviam-lhes sucedido os papas; os dialectos barbaros substituiam á lingua latina; duas religiões, poderosas ambas, debatiam se; a de Jesus Christo, pregando a caridade, a dos mussulmanos, exaltando o sensualismo.

O norte da Italia era dos lombardos; a Gallia dos drúidas pertencia aos frances; a Hespanha dos godos, essa Hespanha, cuja historia descobre-nos peripecias sem numero, era dominada pelos mussulmanos; enquanto cem outros povos nomades procuravam algures onde estabelecerem-se; enquanto os normandos saxonios aceitavam o baptismo, ou a guerra que tanto lhes custou.

Estava destinado a Carlos Magno reerguer o commercio do abysmo em que lançaram-no.

A's feiras de Aix-la-chapelle concorreram os saxonios com o estanho e o chumbo; os judeus com as joias e os vasos de ouro: os esclavões com outros metaes; os lombardos e os hespanhóes com o que lhes era melhor: o Egypto, a Syria, a Africa, a França com aquillo de que dispunham. Carlos Magno resuscitara o commercio, a industria e a marinha. Alfredo de Inglaterra o imitou.

Engrandeceu a manufactura das lâas; a fabricação do vidro e do ferro laminado progrediu; cunharam-se moedas de grande valor n'aqueles tempos; a administração centralizou-se: as letras foram protegidas e amparadas; e, por intermedio dos *missi dominici*, assegurou-se a satisfação dos reclamos dos subditos: — e, d'esta arte, Carlos Magno prestou ingentes serviços.

Mas negras e pesadas nuvens de borrasca tremenda accumulavam-se na celeste abobada da liberdade dos homens.

Era a tormenta que se approximava; — e de feito, dardejara o raio fulminando-os em seu tombar.

Erguera o collo a feudalidade, com o seu direito de *culage*; e elevantara-se; para redusir o homem ao papel de escravo humilde de crueis e sensuas senhores; energumenos que, acercados de ministros da religião, mancharam-na com as indeleveis nodosas das atrocidades

physicas e moraes, que praticaram, essa religião da docura e de manto protector, concepção sublime de Jesus Christo.

O proletario e os que não eram nobres foram simples servos da gleba; tão grande foi o estado de decadencia moral que o fim do mundo, anunciado por ignorantes monges de insolente audacia e não menor rapina, — acolheram-no, como bem providencial e supremo.

A civilisação que transparecera no oriente, extinta em Roma, reaparece com tudo na Italia; em Florença, Pavia e Milão.

Genova appropriara-se da Corsega; Venesa do Adriatico, na intensidade do esplendor da vida, enquanto os allemães e francezes edificavam castellos, eunhia-os de productos do oriente; Veneza enriquecia a custa da ignorancia do septemtrião da Europa.

Por essas mesmas epochas, fundava-se o reino de Napoles e da Sicilia; a Inglaterra rendia-se a Guilherme o conquistador; a Moscovia convertia-se christãa; a Suecia, pouco religiosa, prosperava; a Polonia era sarmata pelos costumes; a Hespanha pertencia a christãos e a mosselemanos.

Eram os tempos do feudalismo, da cavallaria, da casa de Saboia e dos baillios da Suissa. Eis a Europa, cujo zelo de religião e de crença ia rehaver dos mussulmanos os templos da Palestina.

Genova, Piza e Veneza forneceram-lhe os viveres, as armas, as náos.

Das cruzadas nasceram o luxo, os gosos do viver mosselemano; e pouco proveito tirara a moral, calcada aos pés, na basilica de S. Sophia de Constantinopla: — mas a França não podia ficar entregue aos caprichos de tyrannos. Depois da oppressão, da inferioridade moral, da baixeza e da degradação a que haviam-na arrastado, qual novo Messias, S. Luiz melhorava a sorte da industria, ampliando sua esphera de acção e suprimindo as proibições.

As letras embeberam a poesia mosselemana, de inspirações harmóniosas: pereceram douos milhões de homens, é verdade, mas o commercio italiano guardava recordações dos tempos que lhe foram propicios.

As pequenas republicas italianas, á cuja frente estiveram sempre Genova e Veneza, tinham de desabar.

As duas soberanas luctaram, como rivaes, lucta heroica de horror e de destruição, para decahirem; Genova, em virtude das incessantes invasões dos francezes; Veneza, pujante, intrepida e valorosa, que dominava ainda no oriente, pela desceberda de Albuquerque, apontando aos povos novo caminho para as Indias pelo cabo da Boa Esperança.

Um outro golpe doloroso ia desfechar-se sobre ella.

Candia, sitiada pelos turcos, fora-lhe arrebatada, e Veneza, ferida de morte no coração, curvada ao peso de inquisitoria legislação immoral e sanguinaria, perden assim o commercio, até que a revolução franceza a entregou a Austria.

Havia-se, porem, descoberto a bussola; a pintura, a escultura, a musica, a poesia, a gravura e a imprensa não eram illusões; o commercio,

cortejado pelos maiores e mais illustres homens, florescia consideravelmente. Durante a mesma epocha e immperial das republicas italianas, as cidades hanseaticas, unidas em confederação, e por isso repellindo sempre as affrontas e insultos de ousados senhores de castellos e piratas, possuiram o commercio do Baltico para o Mediterraneo, trazendo a este o arenque, tão indispensavel em quaresma e dias de jejum à Europa, que não dispensava-se então da obediencia aos preceitos do catholicismo romano.

A Allemanha expunha nos mercados hanseaticos as telas, os riscados grossos, as fouceas e machadinhas de Frankfort: os fios da Silezia, o azul de Saxe, o arsenico, o chumbo, o antimonio da Hungria, os ferros da Suecia, o canhamo, a cera, o rhuubarbo, os couros da Russia, tudo n'elles havia; Hamburgo manufacturava os velludos, as telas inpressas, o assucar refinado, as carnes salgadas, os petrechos de marinha, as madeiras de carpintaria.

As cidades hanseaticas eram vastissimos emporios commerciaes.

Os cavalleiros tentonicos, porem, não souberam deter a paz e arrastaram assim à ruina a confederação, da qual somente trez cidades sobreviveram.

O espirito de liberdade, as regalias municipaes e o commercio, com tudo, muito haviam adquirido.

Era a vez de Portugal.

Favoraveis e não desmentidos dias de gloria lhe estavam reservados.

Henrique de Portugal, estremuo cultor das sciencias exactas, rodeava-se de habeis astronomas e animava as arriscadas emprezas dos navegadores lusitanos.

Em 1447 alcançou-se o tropico; mais tarde o equador: a costa occidental da Africa e as ilhas circumvisinhas foram exploradas.

Guiné dava-lhes o ouro: mais um passo e galgaram o cabo das Tormentas; — e Vasco da Gama, fazendo rota para as Indias, preparava assumpto para a epopeia de Camões, o principal creador da litteratura portugueza.

Veneza, entretanto, sem o conseguir, tentara o commettimento que Lesseps mais tarde realizou.

Já o Brazil tinha sido descoberto por Alvares Cabral.

Gozava, pois, de inauditas venturas Portugal, quando Philippe poz-lhes termo, fulminando-o com a inquisição, com a preguiça e com a avidez perfidas: a agricultura, as artes manufactureiras e o commercio extinguiram-se.

De opulentos passaram os portuguezes á indigencia.

Só um homem, e esse mesmo estrangeiro, teve largas e grandiosas idéas tolerantes na Hespanha, em relação a America, da qual a historia no dominio de tal povo é pagina sangrenta, cujos caracteres são os punhaes, as espadas, as lanças, os chuços e as armas de fogo de feros hespanhóes.

E o que se devia esperar do sicario Philippe 2º, e do infame e incestuoso Alexandre 6º (1)?

Foi a época do ouro; dos avaros e da legislação cerceadora do desenvolvimento industrial; da educação jesuítica; da immoralidade monástica; da devassidão; da crapula; de todos os vícios os mais torpes que sómente Borgia e Philippe 2º, esses Neros de imaginação erótica e sanguinaria, podiam inventar.

Foram os hollandezes que recolheram das Indias os fructos do labor dos lusitanos, cujas feitorias tinham organizado elementos de fortuna e de esplendor.

Cognominados então batavos e celebres desde os tempos romanos, impuseram respeito aos franceses e tomaram parte muito activa no comércio do arenque, associados a confederação hanseática.

A Hollanda foi o abrigo dos homens illustres perseguidos por Carlos 5º, e Philippe 2º, cujo verdugo de confiança, o duque d'Alba levou-lhe o extermínio, que teria conseguido, se não fôra a constância e dedicação acerrima de um punhado de patriotas.

Franqueando seus portos aos piratas de todas as nações, iniciaram os hollandezes o poder marítimo que lhes trouxe o apogeo da grandeza e da prosperidade.

O vinho de Constança, o anil, o algodão, o assucar, a pimenta, a cannella, a noz muscada, o cravo indiano, o estanho, os páos de tinturaria, eram encontrados em seus armazens de deposito; mas os desregimentos da grande companhia das Indias, o jogo, os naufragios, as perdas e a bancarrota, deviam restringir a importancia da Hollanda, que mais tarde teve de ceder ao jugo de Napoleão o Grande.

Esta nação porém sobreviveu, e a custa de muitos sacrifícios, de muita sciencia e de muita perseverança, é um dos paizes mais adiantados em comércio e em industria.

Conquistando terreno ao mar, dessecando o lago de Harlem, e projectando a extinção do Zuyder-Zée, o povo hollandez dá-nos vivos e robustos exemplos do quanto podem a firmeza e a tenacidade de carácter: —é industrial por excellencia e ahi se faz o grande mercado neerlandez de café, onde o Brazil figura como principal concorrente.

Os ingleses foram mais praticos.

Colonisando methodica e lentamente as Indias, á proporção que aumentavam o numero de suas possessões, facultaram aos aborigenes as crenças religiosas; e não lhes forçando a consciencia, contentaram-se com o comércio, e esse o conseguiram.

Se é facto que a lei sobre os preços dos cereaes, dos pannos, dos salarios e sobre a proibição dos empréstimos a juros retardaram a Inglaterra em seu progresso, ella engrandeceu, entretanto, porque logo revogou as medidas que contribuam para o atraso, abraçando as que coadjuvam o progresso. E' certo commeteram violências em suas colônias; hoje porém,

(1) Rodrigo Borgia, hespanhol, papa com este nome.

procuram attenuar os maos effeitos provenientes, propagando, pouco a pouco, com brandura, os costumes e a philosophia europeos.—E, assim, conseguiram fundar e conseguirão firmar sobre solidas bases o imperio das Indias.

Sully e Colbert, eis os dous fundadores da industria franceza. Luiz XIV, a rainha, os principes, a corte, foram accionistas da companhia das Indias; Pondichéry competio com a cidade — Batavia — dos Hollandezes.

Foram a industria da França, cerca de cincuenta mil fabricas de tecidos de lã, os pannos d'Abberville, a cultura da amoreira e, portanto, a criação do bicho de seda, os espelhos rivaes dos de Veneza, os tapetes superiores aos da Turquia e da Persia, os damascos, as rendas, cuja primazia lhe pertence, fabricadas por perto de dous milhões de raparigas; os pannos de Sedan; os objectos de sirgueiros. A França vira a bancarrota da companhia das Indias sob o sistema de Law, e não hesitou em dedicar-se exclusivamente á industria nacional, hoje na maior intensidade de seu brilho e digna da geral admiração.

A agricola Dinamarca; a Suecia com seu ferro; a Prussia com o seu commercio interno; e a Russia sobretudo, fruindo os resultados do genio de Pedro o Grande, teem elementos para converterem-se em paizes commerciaes; e a ultima mais do que as outras, por suas pelles curtidas, (1) pela prata, pelo ouro e pelas pedras preciosas, ocupará ainda soberba posição industrial.

As colonias inglezas da America Septentrional estavam subjugadas pelo peso de uma legislacão proteccionista para a industria da metropole. Quando o famoso bill do timbre ou papel sellado, vendido em proveito do fisco promulgou-se, não puderam mais supportal-o: avivara-se a industria americana, e tombando no oceano o sol da liberdade, na brillante e energica phrase de Franklin, sonberam repellir as deliberações do governo britannico.

Os inglezes não retrocederam; — monopolisaram o chá, augmentando-lhe o imposto: — ninguem mais tomou chá na America ingleza.

A faiasca electrica ia scintillar, restituindo ao commercio a liberdade. A Inglaterra fechou o porto de Boston. — Um raio cabio em paiol de polvora, fazendo rebental-o com retumbante estampido, como se houvera a America Septentrional se estilhaçado pelo choque violento de terremoto provindo de milhares de volcões, cujas sopitadas crateras repentinamente rasgassem-se. O dia 4 de Julho de 1776, raion trazendo á colónia ingleza a independencia pela guerra e pelo morticinio; — periodo cruel de que foram primeiros heróes Lafayette e Washington, conseguindo este firmar a autonomia americana.

Espectaculos sublimes, e magestosas considerações nos dá a historia dos Estados Unidos da America do Norte hoje nação modelo.

(1) Os conhecidos couros da Russia.

A revolução franceza projectou sobre o mundo inteiro a luz do progresso e da emancipação.

Abolidos os direitos feudais ou dos nobres, foi a revolução de 1789 o pedestal da estatua da Liberdade, pela França solemnemente inaugurado. Rompera limpida a aurora da civilisação.

A propriedade territorial subdividida, as officinas de trabalho reabertas, as sciencias, as letras, as artes, a marinha, a industria; foram consequencias dessa grande crise.

Como os Estados Unidos da America Septentrional, as possessões hespanholas do novo mundo, expulsaram os colonisadores e transformaram-se em republicas repletas de vida commercial, em cuja vanguarda, por sua illustração, está o Chile.

O Brazil fora, contudo, mais feliz do que a America do Norte; e conseguira a independencia, sem que o sangue tingisse os campos do Ypiranga. Com a emancipação desenvolveu-se o commercio que hoje temos tão rico, tão cheio de viço, mas que muito ainda exige para attingir ao posto de honra que lhe é destinado.

Retrocedamos, porém.

Vimos a Grecia esphacelar-se com a tomada de Constantinopla por Mahomet II. Cahindo teve as vezes um pharol longinquó de ventura, mas esse desapparecia logo; e não é, sem dôr, que se vê a patria de Solon, de Pericles e de Leonidas vegetar á sombra das grandes potencias europeas,

O Egypto, abatido, não arruinou-se entretanto:—seu fertil solo valeu-lhe a conservação da agricultura:—o algodão ahí fez progressos nos ultimos annos; sua industria estende-se aos oleos, ás sedas, ás tinturarias, ao assucar, a essencia de rosas, ao azeite de oliveira e aos cereaes, dando, sobretudo, novo aspecto ao seu commercio o canal de Suez, essa valente empreza de Lesseps, em que a França tomou parte tão activa.

..

Grandes lições resaltam do rapido bosquejo que acabamos de fazer sobre a historia da industria e do commercio.

A paz é o trabalho; o trabalho riqueza; e sinistras e amargas alternativas as dos povos que se entregam ao ardor da guerra, unicamente appetecida pelos abutres vorazes de carniça.

Só a paz dá a felicidade. Com ella as sciencias ampliam a esphera de accão da industria, gerando, para auxilio dos homens, as estradas de ferro, a navegação fluvial e maritima por barcos de vapor, os canaes, os telegraphos; que todos fertilisam o sólo esteril de tantas regiões; o gaz que illumina as cidades; as machinas que equivalem ao labor de população, porventura, igual a do mundo.

A França é agricola e tambem manufactora de tecidos de lã, de algodão, de linho; de productos chimicos, de perfumarias, de feculas, de papel, de espelhos, de objectos de gosto, de outros de imitação, de litho-

graphia, da gravura, da impressão, da ourivesaria, de artigos de Paris, da exploração de minas, da metallurgia, de objectos agrícolas, da relojoaria; emfim, de tudo quanto é indispensável às necessidades que a civilização trouxe consigo ao homem.

A Inglaterra pertencem os algodões, a fiação do linho, as magnéticas fundições de ferro, o carvão de pedra, os admiraveis estaleiros de construção naval e milhares de outras gigantescas fabricas. A Belgica e a Suissa imitam-nas.

A Allemanhá, apezar do militarismo que nella predomina, caminha; a Russia anima-se; a Hollanda e Portugal florescem: e os outros povos vivem da manufatura, do commercio e da agricultura.

Os Estados Unidos da America do Sul attingem ao mais alto ponto da hierarchia industrial; concebem caminhos de ferro colossaes; povoam o interior e cultivam-no; fabricam: e tomam a fileira de honra das nações hodiernas.

A Australia, a Asia, a Africa acompanham a senda civilizadora.

Os estados do sul da America sobem na classificação dos povos civilizados.

E o Brazil, esse gigante da America Meridional, cresce de importância; exporta o café, o fumo, o açucar, a borracha, e outras matérias primas; — e, se administração benevolia e económica lhe imprimir o cunho liberal das ideias, cuja realização aniosamente almejam os brasileiros, será a nossa patria guiada a ocupar posto glorioso de industria, para onde o impellem suas riquezas naturaes. Assim amparem-no os estadistas da actual situação politica, cujas medidas luminosas não podem demorar.

A liberdade de cultos, a grande naturalização, a independencia eleitoral, o casamento civil, serão os phanaes que á costa brasileira do Atlântico atrahirão aquelles que buscarem a paz e o socorro indispensáveis á industria.

Brilhante pagina de ouro pode escrever o partido liberal nos annaes do paiz, e cremos sinceramente o fará. E o commercio e a industria serão a nossa vida.

---

### A classe dos engenheiros

Em abril do corrente anno, graduados discípulos da Eschola Central, hoje Polytechnica, reuniam-se e fundavam a « *Associação Brazileira de Engenheiros* », tendo em mira, não só o melhoramento da classe, como tambem o progresso das sciencias e applicações, directamente ligadas á profissão que exercem.

A ideia de um nucleo, em que a harmonia de vistos e o interesse geral de uma importante classe constituisse o ponto objectivo da nas-

cente sociedade, era consequencia do fatal desamparo e mesmo da fria indifferença com que até então haviam tratado os governos, que se sucediam, os nossos compatriotas, possuidores de diplomas pela antiga Eschola Central, moderna Polytechnica : estabelecimento de instrucção superior, que, si não é um dos primeiros do mundo, honra se lhe faça, tem em si excellentes elementos para sel-o ; e, não ha duvidar, — muitas illustrações fulguram no seo corpo docente e, em não pequeno numero, outras, d'ella oriundas, revelam-se na pratica de todos os trabalhos de engenharia.

Nobre e digno de apreço era, pois, o pensamento do grupo que tornava-se responsavel pelo acto de energia que praticara, acarretando assim as odiosidades provindas de interesses que suppunham-se lezados.

Uma corporação respeitavel, a dos engenheiros militares, travou discussão e a todo transe quiz a primazia nos trabalhos de construcção de obras publicas ; — e só vio nos engenheiros civis, geographos, e industriaes de todas as classes, aprendizes.

Não cremos que tivessem razão.

Outros, os que sem habilitações, quer praticas, quer theoricas, apenas são curiosos que, por ignorancia, enormes quantias do Estado infructiferamente despendem, esses tambem clamaram e criam-se firmados em bom direito, só porque a fraqueza e condescendencia de alguns ministros de obras publicas dispensaram-lhes titulos de engenheiros, em *portarias de nomeação*.

Apesar dos obstaculos que se oppunham a realisação de medida necessaria, imprescindivel, para a classe dos engenheiros civis, inaugurou-se vitoriosa a *Associação*; e seos estatutos subiram ao poder executivo, onde até agora se acham, sem que saibamos terem sido, ou não, aprovados.

E' para tão grave assumpto, que pode atrophiar, ou fortalecer, uma classe que relevantes serviços presla ao paiz, que pedimos a attenção do actual governo.

Não desconhece o honrado Sr. presidente do conselho, ministro de obras publicas, os prejuízos e damnosos resultados que originam-se sempre da escolha de pessoal inhabil para o bom desempenho das commissões technicas que lhe são confiadas.

Bem amargas e dispendiosas lições temos tido, adoptando-se tal modo de proceder.

Como consentir, portanto, o entregar e o commetter a execução de projectos grandiosos a individuos, cuja capacidade incerta, e ás vezes desconhecida, nem particular, nem officialmente, comprovam-na ? — e, no entanto, os exemplos são por centenas; e esses aventureiros preterem os que, por aptidão real, mas timidos, condenados ficam ao ostracismo.

Cumpre-nos insistir n'estas considerações ; — e julgamo-nos idoneo para emitir sem rebuços nossa livre opinião.

Não admittam os engenheiros estrangeiros que lhes queiramos mal ; — pelo contrario, estreitamol-os em cordial amplexo, desde que por

suas luzes e por seos talentos venham contribuir para o engrandecimento de nossa patria.

Não acreditem tambem os militares que temamos seo concurso; — oppostamente, almejamo-lo, e quiçá aprenderemos.

Não creiam os agrimensores que os guerreamos; — de modo diverso, —attrahimol-os a nosso seio para trabalhos de sua especialidade.

Qual é pois nosso intento? —

Um unico; — que o merecimento não seja aviltado.

E de feito, é do merito, da idoneidade, dos conhecimentos scientificos, que tudo devemos esperar e não da mediocridade d'esse espurios, filhos do patronato, que elevam-se aos altos empregos technicos do ministerio de obras publicas.

A elles desejamos prosperidade e ventura, não nos cargos de engenharia, mas em todas as outras francas profissões, para cujo desenvolvimento seu apoio e auxilio muito poderão contribuir....talvez.

Como, porém, attender aos reclamos da classe dos engenheiros civis?

Eis o que pede os cuidados do illustre Sr. ministro de obras publicas.

Desorganisados, sem hierarchia que os caracterise, sem que preceda-lhes uma escala gradativa, os cargos do ministerio não obedecem ás regras de ordem, inevitaveis para a boa regularisacão do serviço publico.

Não raro é vermos hoje preencher funcções de chefe de commissão quem hontem era engenheiro de terceira classe e amanhã será conductor de segunda, se a isso obrigal-o a falta de meios de subsistencia; — grande copia d'exemplos poderíamos offerecer. Acham-se, pois, os engenheiros do governo em situação anormal e precaria; — ora resignados á inactiva disponibilidade, si a altivez de caracter, porventura bem entendida, n'elles predomina; — ora empregados, si, forçando a consciencia, rebiamond-se ao ponto de aceitar funcções inferiores ás que já exerceram.

Tristes e acerbas são as alternativas; — conhecemol-as, porque somos observadores e porque os factos não nos passam desapercebidos.

Entre as vicissitudes pela hombridade do temperamento e os recursos pela flexão do sentimento intimo, desesperadora deve ser a posição e no entanto de um ministro zeloso, como o Sr. Cansanção do Sinimbú, que tanto tem feito e que tanto continuará a fazer, podem emanar medidas que, si não exterminarem os maes que affligem a classe dos engenheiros, attenuarão, comtudo, seus ruinosos efeitos.

Porque não organisa-se o quadro ou corpo de engenheiros civis?

Porque não é elle dividido em classes de cada especialidade, facultando-se o accesso a seus diversos postos por meio do concurso, em que habilitações e não afilhadagem sejam os titulos de recommendação?

Vós, honrado Sr. Cansanção de Sinimbú, que de civismo, de dedicação á causa publica e de sabedoría, nos parece haveis dado provas; vós, illustre e venerando senador, erguerieis assim da atonia, em que jaz, uma classe que muito ha-de, forçosamente, fazer em prol do paiz. O que resta hoje ao engenheiro que não alcança as graduações technicas das empresas do Estado? — nada.

A industria particular, essa é tão exigua ; — e demais, para exercerem-n'a, nem todos teriam os elementos precisos ; porque uns succumbiriam a mingua de capitaes : porque outros não disporiam de protecção e de certas relações, pelas quaes tudo se obtém :— ainda ; essa mesma industria que seria activa si a amparasse legislação favorável, ella mesma, tolhida em seu desenvolvimento pela celebre apolice, labuta em circulo de ferro que emperra-lhe as molas.

Quantas decepções, quantos dissabores, quantos desenganos tem o homem que no Brazil procura ser util, furtando-se a empregomania :— e no entanto é d'esses que carecemos ; por seu intermedio virá o progresso : são elles que perfeiçoarão a industria, essa alavanca que fez dos Estados Unidos da America do Norte a unica potencia de primeira ordem do novo mundo.

---

### Versões dos Lusiadas para o inglez

A celebrada epopeia do immortal Camões foi ainda uma vez vertida para a lingua de Shakspeare e de Milton pelo Sr. J. J. Aubertin, que, durante muitos annos, viveu entre nós ocupando-se de objecto de outra ordem, mas de interesse tambem importante, qual o da superintendencia de uma prospera compauhia de estrada de ferro em S Paulo.

Não só estudou com esmero o distincto cavalheiro o magestoso e rico idioma de nossos avós, que quasi intacto ainda conservamos, como até comprehendeu-o a fundo, por quanto tomou sobre si a ardua tarefa de traduzir os Lusiadas.

Sabemos com que animosa appreciação foi recebido em Portugal o delicado trabalho de S. S. : o Senhor D. Luiz, além de agracial-o com a commenda de S. Thiago, dignou-se de offertar ao illustrado traductor um exemplar de sua versão de Hamleto.

Justa, e nem outra era de esperar, foi a homenagem prestada pela corte de Lisboa e na imprensa, por notaveis litteratos, honrando-se tal commettimento, ao digno Sr. Aubertin.

A critica, porém, essa mestra severa, tão resoluta e carrancuda quando castiga, como terna e maternal quando premeia ; essa critica, cujo rigor ora arremeca ao limbo, ora eleva ao paraíso os sonhadores de gloria ; essa mesma caprichosa diva, que anniquilla os espiritos fracos, mas que reergue os caracteres firmes ; a critica que mais atêou a volcânica inspiração do jovem Jorge Gordon, o excentrico Lord Byron, ainda impubere e já elegiasta ; a critica,—verdugo si calumnia, tisna ou deturpa ;

almo pharol,— si sineera e imparcial: — occupou-se em acto successivo das paginas do Sr. Aubertin.

A *Financial and Mercantile Gazette* de Lisboa verberou, com dureza talvez, a obra do afanoso traductor; descobrio n'ella falta de inspiração, ausencia de estro, mudança no sentido d'algumas phrases do poeta portuguez e até alguns erros de syntaxe nas stancias em inglez: deu-lhe, entretanto, no final da rispida analyse, o osculo paternal, pedindo que publicasse o litterato uma nova edição, que esperava aparecesse menos imperfeita.

Em contraposição, a *Saturday Review* de Londres espargiu em honra do illustre compatriota copiosas flores, eloquentes encomios, exaltando-lhe o triumpho.

E' sempre assim: as potestades jornalisticas assemelham-se ás olympicas de mythologia grega:

Fazem concilio os deoses na alta corte,  
Oppõe-se Baccho á Lusitana gente,  
Favorece-a Venus e Mavorte....

Disse, no argumento de seu canto primeiro, o principe da poesia portugueza.

Não tivemos, porém, a pretenção de, escrevendo sobre o assumpto, comprehender appreciar, muito menos criticar a obra do Sr. Aubertin; convicto estamos de que só um estudo sensato, por profundo conhecedor de ambas as linguas, poderá dizer-nos cousa séria sobre o merito dessa obra; nosso intuito é dar uma breve noticia das diversas traduções, que se têm publicado dos Lusiadas; anunciando aos que se ocupam de literatura classica que no Brazil prepara-se com empenho e ardor mais uma, da qual alguns fragmentos foram ultimamente criticados por abalizado censor.

Já no XVII seculo, Ricardo Fanshawe, plenipotenciario da Grã-Bretanha em Portugal, comprehendera e levara ao cabo uma versão dos Lusiadas.

Essa obra, porém, apezar de ter o merito de conservar a metrificação do original, é censurada por conter grande copia de termos vulgares e de giria, que nunca empregou o poeta; e além disso, é assaz paraphrastica, sendo o sentido frequentes vezes adulterado na tradução.

Cem annos depois, em 1776, Mickle verteu o poema, adaptando o que os inglezes denominam — metrificação de Pope — em seus versos.

Essa metrificação, de que usou este ultimo poeta na sua Illiada, (duas rimas seguidas e sempre longas,) desfigurou sensivelmente a versão de Mickle, como, veremos mais abaixo, nota o distinco Sr. Longfellow; entretanto, a tradução é fiel e elevada.

Eduardo Quillioa, naturalmente conhecedor de ambas as citadas versões, encetou a sua com a fidelidade e a elevação do segundo traductor, mas conservando a oitava rima; infelizmente falleceu antes de con-

clui-l-a. Criticou-a com elogio o illustrado litterato portuguez Visconde de Jurumenha.

Tendo descoberto as bellezas do assumpto e dos versos de Camões, o Sr. James Edwin Hewitt, abalisado professor da lingua ingleza no Rio de Janeiro e redactor do *British and American Mail*, comprehendeu por seu turno traduzir o poema; mas receioso de que seu trabalho não se resentisse de vicios e desejando, antes de dal-o a luz, ter juizo critico seguro, enviou alguns fragmentos a um distinctissimo poeta norte-americano.

A escolha não podia ser mais acertada. Os trechos da obra foram enviados ao Sr. Henrique Hadsworth Longfellow, o mais popular e illustrado d'entre os poetas contemporaneos inglezes e americanos, professor outr'ora de linguas modernas na Universidade de Harvard, cidade de Cambridge, estado de Massachussets. Tanto talento revelou ao mundo o Sr. Longfellow que, ha mais de trinta annos, deixou o magisterio, para viver exclusivamente dos fructos de seu estro. Este eminent poeta é principalmente conhecido pelo seu vulgarizado poema *Hiawatha*, de assumpto e costumes indianos, *Evageline*, graciosa composição, que conhecemos pela bella versão do distinto Sr. Dr. Franklim Doria, e além de muitas outras obras, pela traducção da Divina Comedia do immortal Dante, aqual firmou para sempre sua reputação.

E' indubitável que juizo formado por censor d'este quilate enche de orgulho e de coragem, si contém phrases encomiasticas aconselhando perseverança, e é isto o que se encontra na seguinte carta :

S.R. JAMES EDWIN HEWITT. (\*)

Caro Senhor.

Tive o prazer de receber um specimen de vossa traducção dos Lusiadas e appresso-me em transmittir-vos meus agradecimentos por me havel-o enviado.

Li-o com plena satisfação. Excellente é o começo; e rogoshei-me especialmente por conservardes a fórmula das stancias do original, não alterando assim a structura do poema, como fez Mickle, que quasi destruiu a entidade da obra. Em poesia a fórmula é de muito valor.

Encarregaste-vos de uma longa tarefa, mas sem notavel dificuldade para vós. Empregando o tempo n'esse trabalho, achal-o-heis não penoso, mas agradável: e se toda a obra fôr concluida tal qual o fragmento que me enviastes, será de um grande successo o resultaldo.

Influo para que por todos os meios persevereis. Si diariamente adicionares algumas stancias, a obra estará concluída mais cedo do que julgais.

Com os maiores desejos para que ella se complete, sou, caro Senhor, com véras, o vosso *Henry W. Longfellow*.

Cambridge, 2 de Janeiro de 1875.

(\*) Esta carta já foi publicada em inglez no Rio de Janeiro.

O digno e infatigavel Sr. Hewitt, sabemos, aceitou o lisongeiro conselho, e apezar de seu incessante labor no magisterio e na folha que redige, continua a occupar-se da traducçao.

Terminaremos dando as versões de uma das mais vulgarisadas stancias do poema, que ao mesmo tempo offerece não poucas dificuldades ao traductor.

As respectivas versões dos Srs. Hewitt e Aubertin, levam ácima o nome do auctor e abaixõ seu sentido, *ao pé da letra*, em portuguez. Quem conhecer as duas liguas poderá avaliar o merito de ambas.

Eis a stancia de Camões: — Canto V — LVI.

Oh que não sei de nojo como conte !  
 Que, crendo ter nos braços quem amava,  
 Abraçado me achei c um duro monte  
 De aspero mato, e de espessura brava :  
 Estando c'um penedo fronte a fronte.  
 Que eu pelo rosto angelico apertava,  
 Não siquei homem não, mas mudo e quedo,  
 E junto d'um penedo outro penedo.

HEWITT

Oh how shall I from loathing tell the case !  
 That, whom I loved believing on my breast,  
 I found a flinty mount in my embrace  
 Of savage thicket and of rugged crest :  
 There with a rock abiding face to face,  
 The which for the angelic cheek I pressed,  
 No mortal, none, but mate and still was I,  
 And to one rock another rock anigh.

*Oh como de nojo hei de contar o caso !*  
*Que quem amava crendo sobre meu peito, ,*  
*Achei-me com um duro monte abraçado*  
*De espessura brava e de aspero crescimento :*  
*Lá com um penedo ficando fronte a fronte,*  
*Que pelo rosto angelico apertava,*  
*Nenhum mortal, nenhum, mas mudo e quedo siquei.*  
*E de um penedo outro penedo junto.*

AUBERTIN

Oh, from disgust scarce more can I recount !  
 But, thinking that my loved one I embraced,  
 I found within my arms a rugged mount,  
 With harshest wood and thormy thi ckets faced ;

Standing before a rock, e'en front to front,  
 Clasped for her form angelic in my haste,  
 I was not man, but deaf and dumb by shock,  
 And fixed against one rock another rock !

*Oh de nojo quasi não posso mais contar !  
 Porém, julgando que minha amada abraçava,  
 Achei nos meus braços um aspero monte  
 Com um rude arvoredo e espinhosas espessuras coberto ;  
 Estando diante de um penedo, até fronte a fronte,  
 Apertado para sua forma angelica em minha pressa,  
 Não era homem, porém, surdo e mudo por abalo,  
 E fixado contra um penedo outro penedo.*

Publicando estas linhas, agradecemos ao illustrado Sr. James E. Hewitt o obsequio que se dignou de fazer-nos, dando-nos a copia de sua stancia em inglez; e comprimentam-lo como um digno cavalheiro, que por seu talento, instrucao e trabalho, está prestando tão relevantes serviços ao Brazil e ás letras patrias.

M. DA CUNHA SAMPAIO

Uma orgia sacerdotal no pagode de Kandah - Swany

*(Continuando do n. 4)*

Durante o jantar, e na presença dos creados malabares que o serviam, foi-nos impossivel conversar francamente sobre o assumpto que tanto me preoccupava. Tudo quanto Suprayachetty conseguiu dizer-me em francêz, lingua que fallava pessimamente mas que não era comprehendida por seus servos, foi que o Saktypudja, ou festa da fecundação, do *linguam*, só começaria a uma hora da madrugada e que o brahma, que a ella nos ia conduzir, só chegaria a ultima hora.

O Babu levantou-se da mesa em tal estado de emoção que carecia de longas horas de descanso : infringindo as prescripções religiosas, com rigor seguidas pelos Indus da *Grande Terra*, os Cyngaleses comem carne sem repugnancia, se estão em companhia de europeos, e vão mesmo além, em presença de pessoas discretas, bebendo vinhos e licores. O respeito humano e o espirito de casta é, porém, tal ainda entre elles que dois

Cyngaleses da mesma casta, os quaes, á sós, ou com europeos diante de seus criados, nenhuma dificuldade teriam em comer carne e beber licores prohibidos, por preço algum não consentiriam fazerem-no a face um de outro,

Eram, apenas, nove horas da noite. O *Babú* dispunha de bastante tempo, mais do que lhe era preciso para repousar, e eu deitei-me em uma rede na varanda para descansar alguns momentos. Reconheci logo ser-me impossivel dormir sob o imperio das multiphas impressões que agitavam-me ; dirigi-me, então, para uma saleta mobiliada á europea, onde o *Babú* costumava receber os visitantes estrangeiros ; puz-me á folhear um volumoso album em que os *chis* (pintores,) mais habeis do paiz, tinham estampado as imagens dos principaes deoses, semi deoses e heróes do pantheon vulgar dos Indus, e transcripto as narrações de suas principaes façanhas.

Distrahidamente olhava para essas figuras, já conhecidas, como quem trata de empregar bem ou mal as horas que lentas se escôam, quando repentinamente depararam meus olhos com o quadro de uma jovem mãe, que amamentava dois gemeos á entrada de uma caverna, situada em um bosque espesso. O desenho era nitido, encantador e natural. Passei a ler a inscripção *tamulia* que encontrava-se em baixo da pagina : *A deosa Sita esposa de Rama, amamentando seus dris filhos na ermida do penitente Vasichta.*

Estas poucas palavras despertaram minha curiosidade ; conhecia as aventuras de Rama em busca de sua mulher Sita, raptada pelo *Rajah* de Ceylão, aventuras de que nasceu o *Ramayana*, este avôengo da Iliada, e que celebrisaram quasi todos os poetas antigos ; mas nenhuma lembrança tinha do episodio representado a minha vista. Appressei-me em lér a narração que acompanhava a estampa, e qual não foi meu espanto, encontrando nas aventuras de Sita, depois de sua libertação, uma das mais antigas lendas da Europa ; — a de Genoveva de Brabante.

Eis a lenda :

« Tendo vencido Ravana e libertado sua mulher Sita, Rama voltou a seus estados. Algum tempo depois de sua volta a Aodhya, sahindo uma noite de seu palacio para saber o que se passava na cidade, ouviu de uma esquina um lavadeiro, que violentamente altercava com sua mulher, sobre cuja fidelidade parecia ter suspeitas. Queria, no auge da colera, expellir-l-a de casa e dizia que não era homem para conservar, como fazia Rama, uma mulher que tinha-se entregado a outrem.

« Estas palavras, como um raio fulminaram Rama, que amargurado e despeitoso voltou para casa. Mandou chamar Latchumana, seu irmão ; contou-lhe o que tinha ouvido e ordenou-lhe apoderar-se de Sita, internando-a depois em uma floresta, onde deveria assassiná-la.

« Latchumana tractou imediatamente de executar as ordens de seu irmão. Entretanto Sita achava-se em estado de gravidez adiantada ; horrorisou-o immolal-a e resolven-se a salvar-lhe a vida. Mas, que estra-

tagema inventaria, para que ficasse Rama persuadido de que fora consummado o crime, que lhe ordenara commetter?

« Na floresta, para que tinhia sido levada Sita, encontravam-se muitas d'essas arvores, que descascando-se-as deixam correr um succo cõr de sangue. Latchumana brande seu arco; arremessa uma flecha de encontro a uma dessas arvores, em vez de ao seio de Sita, e abandona esta desgraçada á sua sorte.

« Volta depois a presença de Rama, anunciando-lhe que está satisfeita sua vingança, e para prova-lo, mostra-lhe a flecha tinta de sangue.

« Só, no meio das selvas, a pobre Sita entrega-se á desesperação, dando lamentaveis gritos e derramando torrentes de lagrimas.

« Não longe d'ahi, o penitente Vasichta estabelecera uma ermida; sorprehendido por taes gritos e gemidos que chegaram-lhe aos ouvidos,— vem a encontrar Sita e pergunta-lhe quem ella é e qual a causa de sua afflição. A infeliz, interrompendo seus soluços e assumindo um ar de dignidade, que enchen de respeito e de temor o penitente, respondeu-lhe nestes termos:

« — Sou Sita! meu pae foi Suarta; a deosa Kaly foi minha mãe; e Rama é meu esposo.

« A taes palavras, o penitente compenetrado de profunda veneração, prosterne-se ante ella, e, depois, erguendo-se e pondo as mãos, diz-lhe:

« Illustre deosa, para que assim entregar-vos á dôr e á desesperação? Esquecestes que sois a rainha e a senhora do mundo, e que de vós depende a salvação de todas as criaturas; porque é de vossa descendência que nascerá a *virgem, mãe do Redemptor promettido por Vischnu!*

« Dirigio-lhe ainda depois algumas palavras de consolo e conduzio-a a uma ermida, onde offereceo-lhe o sacrificio.

« Poucos dias depois, Sita deu a luz dois gemeos, que o penitente Vasichta educou com tanto cuidado como se fossem seus proprios filhos.

« No entretanto, Rama intentara realizar o grande sacrificio *Ekian*, mas deixou fugir o cavallo que devia servir de vítima.

« Este animal, depois de ter muito tempo percorrido o paiz, veio ao lugar onde viviam os dois filhos de Sita, e estes, bravos e corajosos, posto que apenas de cinco annos de idade, para elle caminharam e o prenderam. Anuniam, general dos exercitos de Rama, foi enviado com forças consideraveis para combater com os filhos de Sita e rehaver o cavallo: mas por estes foi vencido e obrigado a salvar-se pela fuga. Rama, tendo noticia do desastre, poz-se a frente de suas tropas, e veio pessoalmente atacar seus novos inimigos; mas, por sua vez, foi vencido pelos filhos de Sita, tendo sido esquartejados todos os soldados, sem que um só escapasse.

« Vasichta, informado deste acontecimento, dirigiu-se ao campo da batalha e effectivamente encontrou-o juncado de cadaveres. Compungindo-se da sorte de Rama e dos seus, pronunciou sobre elles os *mentrans* (orações), da resurreição e assim lhes restituiu a vida.

« Rama voltou a sua casa e persistiu no designio de realizar o grande

sacrificio do *Ekiam*, para o que convidou os reis vizinhos todos e os illustres brahmas do paiz. Estes ultimos, porem, consultados a respeito dos meios para o bom exito do sacrificio, responderam que o successo seria contrario, desde que sua mulher não estivesse junto delle, em companhia dos dois filhos. Depois de muitas difficultades, Rama consentio, emfin, em mandal-a buscar e apparentemente acolheu-a com bondade. Por isso o sacrificio do cavallo foi bem sucedido.

« Rama quiz então novamente repudiar sua mulher e reenvial-a para as selvas; mas os reis todos que estavam presentes intercederam em prol della.

« Rama só cedeu ás instancias destes soh a condição de que sua mulher demonstrasse, submettendo-se á prova do fogo, que sua virtude estava incolume. Sita, altiva por sua innocencia, honrosamente sahiu de una serie de perigosissimas provas, pela agua, pelo fogo e pelo veneno; apezar de tudo não conseguiu extinguir as suspeitas de seu marido.

« Acabrunhada, emfin, pela confusão e pelo pezar, derramou copiosas lagrimas, e, no excesso da sua desesperação, exhortou sua mae com a seguinte supplica:

« O Kaly, deusa da terra, tu de quem tive a existencia, justifica-me hoje ás vistas do Universo, e se é verdade que algum dia deixei de ser uma casta e virtuosa mulher, dá-me authentico testemunho, abrindo-se sob meus pés essa terra, e engulindo-me.

« Apenas proferidas estas palavras, a deusa, attendendo a seus votos e deferindo-os, sepultou-a viva em seu seio.

« Rama não tardou em seguir sua esposa. Attribulado por ter desconhecido uma tão perfeita mulher, e tendo partilhado seu reino entre os dois filhos, retirou-se para as margens do Ganges, onde viveu algum tempo no retiro e na penitencia e depois terminou sua carreira mortal.

« Sita é uma antepassada do redemptor Christna. »

Esta lenda offerece notaveis analogias com a que se conhece na Europa, para não admittir-se que chegasse até nós pelas emigrações indias que povoaram successivamente a Slavia, a Scandinavia, a Germania e a Gallia, e transportaram a estes paizes não sómente a lingua, mas ainda as principaes tradições poeticas religiosas de seu berço. E' assim que encontramos na mór parte de nossos costumes, nas crenças religiosas e até em nossos codigos, irrefragaveis signaes de nossa origem indo-asiatica.

Ainda não decorreram trez séculos, quando as Czarinas do Moscow tinham exactamente no *Terem* o mesmo genero de vida, entre suas mulheres e escravas, que passam as *ranies* indianas de Maissur.

(Continua.)

As escripturas de transferencia de proprietaes prediaes, urbanas e rurais.

Gravissimas questões de direito agitam-se muitas vezes, em relação aos bens de raiz, sem que, nem os distintos jurisconsultos e advogados do nosso foro, nem os peritos, chamados para resloverem-nas, possam proferir decisão segura e positiva, por falta de bases julgadas essenciaes em causas d'esta natureza.

Os compradores e os vendedores de qualquer bem de raiz, na maior parte das vezes, limitam-se a designar numero por demais insignificante de informações que, longe de prestarem auxilio, veem quasi sempre offerecer um campo de ambiguidade, por isso que é pessima e obscura a redacção com que as formulam.

Eis a origem de muitas demandas, morosas e prejudiciaes a uma e outra parte contendentes.

Os advogados pouco podem adiantar á vista das escripturas e os peritos, nem sempre os mais aptos, tambem pouca luz derramam sobre o litigio, cujo resultado final, ás vezes, é justamente contrario ao direito.

Não convem, pois, adiar por mais tempo uma necessidade urgente, qual a de legislar-se sobre tão importante quanto serio assumpto.

Não deve a propriedade, garantida pela Constituição, ficar assim a mercê da ignorancia de todos os que contribuem para a redacção de similhantes escripturas.

Reclama, por conseguinte, esse facto muito zelo da parte do actual governo, que, pelo modo que vamos indicar, poderá em breve possuir excellentes cadastros municipaes.

A medida, porém, cresce de importancia em relação ao municipio neutro, onde são mais communs os pleitos judiciaes de que falamos.

E' dos rudimentos da economia politica que ha despezas productivas: não é preciso descer a minudencias para confirmal-o; mas nem todos comprehendem isso entre nós e a prova está em que o facto apontado é em regra reconhecido verdadeiro e não obstante estarem convictos da realidade do que afirmamos, os interessados não emendam-se.

Nada mais facil e mais simples ha do que o levantamento das plantas de predios e de terrenos e no entanto são raros os que possuem tais documentos justificativos dos limites de suas propriedades. Assim, pois, logo que as confrontações de territorios e de predios, discriminadas em figuras topographicas ou diagrammas, venham contribuir para a exacta redacção das escripturas, os obices que a propriedade hoje encontra serão evitados; as questões entre heréos, ou *fruium regundorum*, tornar-se-hão simplissimas; os peritos facilmente as resloverão; e o direito não será conspurcado, como o pôde ser agora, quando a interpretação das escripturas é omissa por deficiencia de provas.

E não importaria a despeza imprescindivel em mais de um por cento do valor da propriedade transferida.

Adoptada a ideia, fica o comprador munido, a todo o tempo, de provas irrefragaveis de seu direito e o perito não fará mais do que attestal-o.

Esses documentos topographicos seriam registrados na municipalidade e ahi copiados e archivados.

O pessoal technico das camaras municipaes verificaria a exactidão das plantas, ou, o que talvez mais convenha, teria engenheiros de freguezias, encarregados dessas operações, cujo producto pecuniario, pago pelo interessado, seria dividido pelas municipalidades e seus empregados technicos.

Seja, porém, como for, certamente este estado de cousas não deve continuar.

Força é oppor-lhe um paradeiro e, nessas condições, não convem ser protellado aquillo que, começado com antecedencia, mais proveitos dará.

Ha ainda um outro ponto que exige muita cautela da parte dos illustres juizes e advogados dos nossos auditórios, que é a nomeação dos peritos e arbitros que servem nas vistorias.

Não pretendemos dizer que não hajam muitos mestres de obras capazes de pronunciarem um laudo sensato; mas não menor numero temos de engenheiros, de cuja illustração reconhecidamente notoria mais se deve esperar, como peritos em vistorias.

Para estas questões de actualidade e de vastissimo alcance, chamamos a attenção dos competentes.

---

### Meios de descobrir agua em regiões sujeitas a secca

Os gregos e os romanos consagraram sempre aos aquilegistas, ou vedores de agua, o mais profundo respeito e a mais elevada consideração.— Cassiodoro recommendava-os com a seguinte phrase;

« *Habeatur ergo iste inter reliquarum artium magistros; ne quid desiderabile putetur fuisse, quod sub nobis non potuerit romana civitas continere:* (\*) e tinha razão, porque os meios de descobrir agua exigiram em todos os tempos experienca e cuidados particulares.

Algumas observações de escriptores de remotas épocas chegam até ao

(\*) Tenhais, pois, um mestre destas obras como tendes de outras, de modo que não falte; o que o povo romano não poderia admittir.

presente ; outras, porém, perderam-se na multidão de factos que nos são desconhecidos.

Entre os poucos apontamentos hydrologicos que nos restam, sobressahem os de Plinio, o naturalista, os de Cassiodoro, escriptor e os de Vitruvio, architeceto.

São indícios certos, diz Plinio, de jazida de agua os vapores ou bruma, que adejam nos pontos onde ella existe ; — e, com effeito, tal nevoeiro constitue prova evidente, desde que o exame se faça antes do nascer do sol.

A asserção de Plinio é facto do qual se pode convencer quem delle duvidar.

Cassiodoro corrobora esta opinião e affirma que a altura da columna de vapores é igual a profundidade do deposito subterraneo.

Os antigos, porém, não contentaram-se com a simples inspecção ocular ; — pediram auxilio ao processo de collocar horizontalmente em equilibrio, apoiada em peça fixa, uma varinha composta de duas madeiras diferentes, unidas pelos topos ; uma d'ellas devia ser essencialmente hygrometrica e, por esse motivo, embebendo a humidade exhalada, pendia para o solo pois que seo peso augmentava, desde que houvesse desprendimento de vapores.

Vitruvio recommends outro methodo ; aconselha a excavação de um pequeno poço, em cuja parte inferior deposita-se de bocca para baixo uma vasilha metallica, untada de azeite ; — cobre-se o poço com tabeas, por sobre as quaes espalha-se folhagem e terra ; ao amanhecer retira-se a vasilha, cujas paredes, quando salpicadas de gottas d'agua, revelarão sua existencia.

Como o havia feito Cassiodoro, Belidor afiança serem tambem manifestos signaes de camada aquosa, as nuvens de mosquitos que tantas vezes vemos esvoaçando em dado ponto ; a apparição de certos vegetaes aquáticos ; os ajuntamentos de bactracios ; o maior desenvolvimento da mesma especie de arvores, ou arbustos ; a coloração mais verde das folhas, fortemente chlorophylladas.

Em viagens que fizemos pelos campos de Minas-Geraes, verificamos a exactidão de que Plinio assevera ; — muitissimas vezes um simples corrego um filete d'agua, annunciau mol-o, ao alvorecer, com bastante antecedencia, sómente pelas indicações que nos davam os nevoeiros : entretanto o guia unico e mais seguro é a geologia, que nos demonstra a permeabilidade, ou não, do terreno, a disposição e natureza de suas camadas e portanto a probabilidade de descobrir-se agua.

Cremos que foi baseado em conhecimentos d'esta natureza que o padre Paramelle adquiriu a reputação de abalisado hydroscopo, chegando a resultados que assombram.

Em nosso paiz é preferivel fazer as observações e periodo que corre entre Maio e Septembro, que é justamente a época da secca.

Logo que os veios d'agua, ou correntes, não são mais desconhecidos devem incontinenti ser aproveitados, — interceptando-se sua passagem

por meio da construcção de muralha impermeavel, que não pôde deixar de descer até as camadas menos infiltrantes do terreno; — assim consegue-se represar as aguas, cuja derivação faz-se por meio de appropiado aqueducto de cantaria, convenientemente coberto.

A agua pôde ser obtida ainda pelo methodo aconselhado pelas regras de *drainage*, de excellente applicação e facil, porque consiste em dispôr-se uma rede de canos de barro, mais ou menos extensa, nas camadas arenosas do solo: assentados os canos, sem que as boccas sejam tomadas a argamassa, as aguas para elles encaminham-se e pôdem então ser derivadas, empregando-se tubos de *drainage*, vallas empêdradas, ou aqueductos, dispostos de certo modo.

Belidor creava fontes artificiaes, abrindo vallões de inclinação suave, em cujo fundo assentava argila ou tabatinga bem soccada; — construia duas paredes que formavam assim pequeno canal, capeado por lajões sobre os quaes dispunha invertidamente pedaços de leiva.

As aguas de Gray foram recolhidas, excavando-se um vallo, em cuja parte mais baixa construiu-se uma parede de alvenaria hidráulica e na superior outra de pedra secca, chegando-se dest'arte a retel-as.

Da pericia do engenheiro hydrologo tudo depende; e, desde que obedeça-se aos preceitos scientificos, obter-se-hão os resultados conseguidos em muitas cidades européas; os quaes muito semelhantemente entre nós já foram obtidos; — refiro-me aos trabalhos de canalisação das fontes do rio Vicencia, em Nitherehy, notável obra que honra o Sr. engenheiro Miranda Reis e seu não menos distinto successor, o finado Alfredo de Barros e Vasconcellos.

---

Um discípulo de Allam-Kardec.

(Continuando do n. 4.)

Um calafrio geral accometeu-me e depois certa sensação identica à que se produz ao tomar-se um choque electrico.

Quis gritar, mas um spasmo embargoa-me a voz. Anthomaticamente segui o empuxo da mesma gelada mão, que sempre invisivel se não desprendera da minha e me conduziu a um gabinete.

Quando ahi penetrei, vi-me face a face com um moço de agradavel presença: polidamente offereceu-me uma poltrona, junto de uma pequena mesa, que lhe estava fronteira e sobre a qual havia papel e lapis. Nisto consistia a mobilia do gabinete.

O moço de pé e olhando-me com interesse, perguntou :

— Invocou já algum espirito?

— Nunca o tentei, respondi-lhe.

— Deseja fallar com pessoa de sua amizade já fallecida, com algum homem illustre cuja memoria venere?

— Teria grande prazer, se me fosse possivel, dirigir algumas perguntas a Augusto Comte.

— E' difficult, julgo; esse espirito paira em tão alta esphera e é tão repetidas vezes invocado que raramente apparece; entretanto, pôde experimentar. Ahi está papel sobre a mesa, tome esse lapis, colloque-se em posição de quem vai escrever, concentre-se e suppliche em silencio, mas com eloquencia mental que baixe a por-se em contacto com o Sr.

Durante perto de um quarto de hora de infructuosas supplicas minha tremula mão garatujara inintelligiveis traços; finalmente por subito e velocissimo impulso, sem consciencia, escrevi esta quadra :

Quando te vejo, pascacio,

Ruminar positivismo,

Causam-me dó as tiradas

De teu chato pedantismo.

Repeti em voz alta este pungente epigramma e, voltando-me para o jovem cavalheiro, percebi que a custo repremia uma gargalhada; dissimulou-a contudo, mas rindo-se, entretanto, fez notar que minha mão continuava ainda convulsa a desenhar caracteres sobre o papel.

Examinando com cuidado tais caracteres, pôde ler abaixo da quadra :—*Fagundes Varella!*

— O que quer isto dizer? exclamei.

— E' facillimo de explicar o : como observei-lhe, Comte é remisso em apparecer e o distincto poeta, que se apresentou, quiz comprimental-o com um chiste; visto que elle parece ildisposto a conversar com V.S., será conveniente invocar-o.

Conhecera de perto o excentrico Varella, tão cedo roubado ás letras patrias, admirara-lhe sempre o talento repentista e lera, como ainda leio, seus harmoniosos versos; não duvidei, pois, exhortar-lhe que continuasse a corresponder-se commigo, e sahio-me da ponta do lapis esta segunda quadra, não menos mordaz do que a primeira.

O que queres paspalhão?

Vai com outros apprender,

Aqui não se pagam mestres...

Tenho muito que fazer.

— Insista! disse-me o moço, continuando a rir-se, faça-lhe uma pergunta por escripto e aguarde a resposta.

Meditei por algum tempo e depois escrevi : — « Está melhor agora ou quando se achava encarnado? »

Foi debalde que durante alguns minutos esperei o impulso ao lapis; então, de motu proprio e guardando silencio, invoquei Silvio Pellico, essa alma pura, espirito consolador, que victimá de uma atroz perseguição

ção, nunca perdera o amor aos seus semelhantes, procurando sempre atenuar as culpas dos proprios algozes, que o segregavam da sociedade por uma iniqua prisão.

O lapis agitou-se, correu sobre o papel e apareceu escripta esta sentença:— « quem resigna-se é um crente, quem resigna-se e perdoa é um justo, quem resigna-se, perdoa e intercede pelo offensor é um anjo. »

Evidentemente esta bella maxima era um reflexo do candido escriptor; só Silvio Pellico, só elle, que sofrera calmo e piedoso as inju-rias dos homens, poderia dictar este consolador pensamento.

Eu estava confuso e perplexo, mas convencido:—era spiritista.

Sahi do gabinete inconsciente e cambaleando como um ebrio entrei em casa agitado, só appetecendo a solidão; encerrei-me no quarto, e ahi durante trez dias simulando uma indisposição physica, conservei-me recluso, evitando o contacto dos vivos.

E como é bello viver-se entre os mortos!

Enchi quasi uma resma de papel com a correspondencia dos espiritos, fallei com amigos de infancia, e de familia; com philosophos, poetas, historiadores, generaes, viajantes, astronemos, estadistas, monarchas, naturalistas, papas, sacerdotes, prophetas, comediantes, musicos, escultores; emfim, com todos esses espiritos elevados que no nosso planeta se purificaram.

Uma noite, entretanto, quando restituindo á vida commum e practica, recolhia-me dos meus affazeres fatigado mas sem somno, tomei um volume da historia do Consulado e do Imperio, estendi-me no leito e li algumas paginas; assaltaram-me logo reflexões diversas á cerca da guerra, esse flagello que a civilisação ainda não pôde exterminar; e, por associação de ideias, comecei a recordar-me do grande capitão, principal personagem da obra de Thiers.

(Continua)

---

### Imprensa

Obsequiaram-nos com as seguintes publicações que agradecemos:

*Ilustração do Brasil*, nova serie nº 2 do mez de Agosto:—jornal de que é proprietario e redactor o illustrado Sr. Carlos de Vivaldi. Por suas magnificas gravuras e por seus excelentes artigos merece o apoio publico, tanto mais quanto seu preço de 5\$000 por assignatura annual é excessivamente moderado.

*Messager du Brésil*, journal français.—destinado aos interesses da colonia franceza no Rio de Janeiro; tambem interessante.

*Pharol do Juiz de Fora*;—tem considerações sobre a agricultura muito aproveitaveis.